

**ANÁLISE DA INSERÇÃO DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO NO COMÉRCIO
INTERNACIONAL**

**ANALYSIS OF BRAZILIAN AGRIBUSINESS INSERT IN INTERNATIONAL
TRADE**

Leandro Pereira dos Santos

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na UNIOESTE, Professor do IFPR, Campus Assis Chateaubriand.

João Marcos Borges Avelar

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na UNIOESTE, Professor da UNESPAR, Campus Campo Mourão.

Pery Francisco Assis Shikida

Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na UNIOESTE, Campus Toledo.

Maria Auxiliadora de Carvalho

Professora do Departamento de Economia das Faculdades Metropolitanas Unidas.

Grupo de Pesquisa: Comércio Internacional

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar a inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas, buscando verificar o posicionamento geral do país e também dos produtos exportados, considerando o período compreendido entre o triênio 1999-2001 e o triênio 2009-2011. O desempenho é avaliado por meio da participação do país e de seus produtos nas importações mundiais. Os resultados mostram que o agronegócio brasileiro tem um posicionamento positivo, pois tanto a classificação global como também de parte significativa dos produtos de sua pauta de exportações se encontram em situação ótima.

Palavras-chave: comércio internacional, agronegócio, competitividade.

Abstract

The aim of this study is to analyze the insertion of Brazilian agribusiness in international trade of agricultural products, seeking to verify the general standing of the country and the exported products, considering the period between the 1999-2001 and 2009-2011. The performance is evaluated through the participation of the country and its products in world imports. The results show that the Brazilian agribusiness has a positive standing, as both the overall rating as well as a significant part of the products of its exports, are in optimum situation.

Key words: international trade, agribusiness, competitiveness.

1. Introdução

Embora aproximadamente 12,5% da população mundial (cerca de 870 milhões de pessoas) ainda sofram de desnutrição, a demanda mundial por alimentos vem apresentando crescimento sistemático nos últimos anos. Este cenário tem influenciado diretamente o

comércio internacional de produtos agrícolas, do qual o Brasil é participante ativo, ocupando posição de destaque no que se refere à questão da segurança alimentar no mundo (*FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION* – FAO, 2012; BUAINAIN *et al.*, 2014).

O agronegócio brasileiro sempre contribuiu de maneira significativa para o equilíbrio da balança comercial do país, pois apresenta saldos positivos frequentes se considerado separadamente. O setor contribui dessa forma com o desenvolvimento econômico do país em vários aspectos, começando pela oferta de produtos para a demanda interna, passando pela absorção de contingente significativo de mão-de-obra, e de maneira importante na geração de divisas provenientes das exportações (MARTHA JÚNIOR; FERREIRA FILHO, 2012). Entretanto, o problema da dependência nos produtos básicos nessa pauta e a elevada concentração das exportações agrícolas em poucas *commodities*, figuram como obstáculos ao desenvolvimento que o modelo de substituição de importações no Brasil tentou superar (CARVALHO; SILVA, 2005).

É incontestável a importância econômica do agronegócio brasileiro, seja na produção de *commodities*, seja na geração de divisas, derivada da elevada competitividade desse segmento produtivo no País (GASQUES *et al.*, 2010; CONCEIÇÃO; CONCEIÇÃO, 2014). Contudo, generalizar este contexto não é apropriado, sendo necessário classificar o posicionamento dos produtos agropecuários de acordo com as suas performances e ver, com uma medida de competitividade, qual é a participação das exportações brasileiras nas importações mundiais.

Isto posto, este trabalho tem como objetivo analisar a inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas, considerando seu posicionamento agregado, bem como dos produtos que integram sua pauta de exportações. Para isto, será utilizado como metodologia o enfoque sugerido por Fajnzylber (1991), que classifica o posicionamento do país e de seus produtos nas seguintes situações: ótima; de vulnerabilidade; oportunidade perdida; e em retrocesso.

O período de análise é compreendido entre os triênios 1999-2001 e 2009-2011. Comparações são feitas com as conclusões do trabalho realizado por Carvalho (2002), que utilizou a mesma metodologia para uma década anterior.

Além desta parte introdutória, o artigo está dividido em mais quatro seções. A segunda busca contextualizar concisamente o agronegócio brasileiro. Na terceira seção é apresentada a metodologia de análise bem como a base de dados utilizada. A quarta seção traz as análises dos resultados obtidos, seguida da última seção com as considerações finais.

2. O agronegócio brasileiro: breves notas

O agronegócio brasileiro tem demonstrado ao longo dos ciclos econômicos ser de fundamental importância para o desenvolvimento do país, exercendo destacado papel na dinâmica econômica e social (BUAINAIN *et al.*, 2014).

No processo de desenvolvimento brasileiro, a industrialização quase sempre tem sido sinônimo de modernização, em uma concepção que escala corriqueiramente a agricultura como coadjuvante. Com efeito, uma das implicações do desenvolvimento econômico é a diminuição da importância relativa da agricultura na atividade econômica. Apesar da forte presença do Estado oferecendo incentivos ao setor industrial, a agricultura, que por vezes também foi compensada com políticas setoriais, ao incorporar tecnologia e explorar

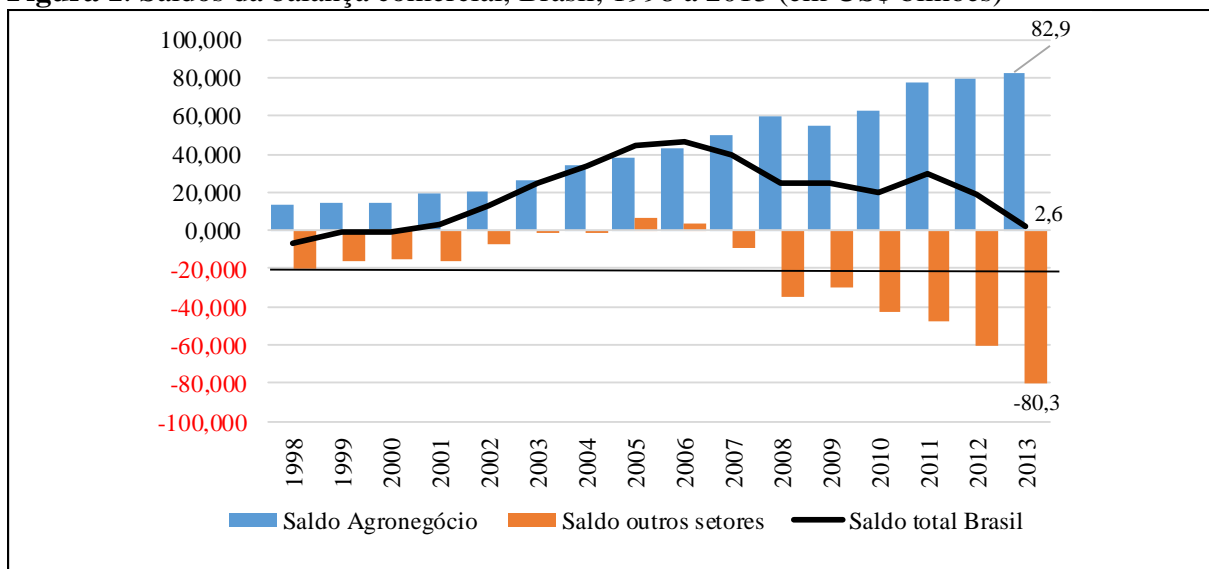
economias de escala, vem se tornando, ela própria um vetor industrial, com elevada relação capital/trabalho (BARROS, 2014).

A relação entre comércio internacional e crescimento econômico é foco de análise da teoria econômica desde que Adam Smith publicou sua obra seminal em 1776 (vide SMITH, 1983). A economia brasileira, desde a época colonial, sempre dependeu da agricultura como fonte de divisas. Mesmo na etapa de substituição de importações e estímulo à industrialização a agricultura constituiu a principal fonte de divisas para garantir os pagamentos dos débitos assumidos no exterior. Mais recentemente, com a liberalização comercial, a participação do setor industrial nas exportações declinou e a agricultura brasileira demonstrou, mais uma vez, suas vantagens comparativas (SZMRECSÁNYI, 1990; SPOLADOR; ROE, 2013).

No período recente o setor agrícola brasileiro tem exercido papel importante ao garantir, além do abastecimento interno, valores recordes nas exportações, o que contribui fortemente para a geração de divisas. Desta forma, a dinâmica da economia nacional continua dependente do aumento das exportações agropecuárias e da conquista de novos mercados internacionais (CONTINI, 2014).

Uma breve análise da balança comercial nos últimos anos permite observar a importância das exportações dos produtos do agronegócio. Historicamente o Brasil tem baixo volume de importações de produtos agrícolas e as exportações são elevadas resultando em saldos comerciais significativos. De 1998 a 2013, o agronegócio apresentou sistematicamente saldos positivos e crescentes na balança comercial, fechando a série com um valor recorde de US\$ 82,9 bilhões (Figura 1).

Figura 1. Saldos da balança comercial, Brasil, 1998 a 2013 (em US\$ bilhões)



Fonte: AgroStat (2014).

O crescimento dos saldos comerciais do agronegócio foi mais acentuado após o ano de 2004. Conforme Barros (2014), o aumento nos preços dos produtos do agronegócio e a elevação de sua demanda pela China nesse período foram fatores que contribuíram para o crescimento das exportações brasileiras. Schwantes *et al.* (2010) e também Kich *et al.* (2012)

apontam como variável positiva relevante o crescimento das importações agrícolas mundiais. Nesse caso, a renda externa se apresenta relevante como variável explicativa para o aumento das exportações.

Observe-se que a exclusão do agronegócio torna o total do saldo comercial brasileiro predominantemente deficitário, com exceção dos anos 2005 e 2006. Isto significa que as importações dos demais setores da economia brasileira são muito superiores às exportações, resultando em um processo no qual o país depende, mormente, das divisas geradas pela agricultura para honrar os compromissos externos.

Destaque-se que os ganhos em produtividade também tiveram papel relevante para tornar os produtos do Brasil mais competitivos internacionalmente, colaborando para o aumento nas exportações. Ao comparar as estimativas de Fuglie (2012) para o mundo e alguns países selecionados, se conclui que na década de 1970 a produtividade total dos fatores da agropecuária brasileira não diferia da média mundial, com crescimento da ordem de 0,6% a.a., enquanto a China apresentava produtividade pouco acima desse percentual. Nas décadas seguintes a produtividade da agricultura mundial cresceu, mas a performance do Brasil e da China seguramente foram determinantes nesse crescimento. Entre 2001-2009 a agricultura brasileira assumiu a liderança, com produtividade total dos fatores da ordem de 4,03% a.a. seguida pela China, com 3,05% a.a. (Tabela 1).

Tabela 1: Taxa anual de crescimento da Produtividade Total dos Fatores, 1971-2009 (%)

Itens	1971-1980	1981-1990	1991-2000	2001-2009
Mundo	0,6	0,62	1,65	1,84
Brasil	0,6	3,02	2,62	4,03
Europa	1,44	1,43	1,25	1,98
China	0,67	1,71	4,1	3,05
Estados Unidos e Canadá	1,67	1,31	2,18	2,24
Austrália e Nova Zelândia	1,52	1,35	2,62	1,09

Fonte: FUGLIE (2012).

Observa-se que, embora com variações, a agricultura de todos os países analisados por Fuglie (2012) tiveram aumento de produtividade total dos fatores, com exceção de Austrália e Nova Zelândia. O que destaca a China e o Brasil é a diferença entre o período inicial e final. A China teve a produtividade da agricultura multiplicada por 4,5 e o Brasil por 6,7, enquanto Europa, Estados Unidos e Canadá, que lideravam a produtividade na década de 1970, tiveram crescimento menor do que 40%, considerando o mesmo período.

As vicissitudes e a evolução pelas quais passaram o heterogêneo agronegócio no Brasil, mesmo com algumas políticas erráticas, tem proporcionado uma destacada desenvoltura econômica e produtiva; mas existem desafios e encruzilhadas (como o desequilíbrio entre a agricultura de larga escala, de alta eficiência produtiva e tecnológica, e a

agricultura familiar) que precisam ser ultrapassados para que este papel social e econômico seja mantido (BUAINAIN *et al.*, 2014; BACHA, 2012).

3. Metodologia e base de dados

O modelo utilizado neste trabalho para análise da competitividade do Brasil no mercado internacional é o modelo apresentado por Fajnzylber (1991) e Mandeng (1991), no qual a participação das exportações de um país nas importações mundiais é considerada como uma medida de competitividade do mesmo. Estes autores avaliaram a participação nas importações da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de países da América Latina, Europa Oriental e do Sudeste Asiático¹.

Neste modelo, para a análise do desempenho das exportações são considerados os conceitos de posicionamento e eficiência. Denomina-se s_i à participação das importações mundiais do produto i (M_i) nas importações mundiais totais. O posicionamento de i é favorável se $\Delta s_i \geq 0$ entre dois períodos, o que significa que o produto i manteve ou aumentou sua participação nas importações mundiais. Caso $\Delta s_i < 0$, o posicionamento é desfavorável (CARVALHO, 2002).

Já a eficiência está relacionada com a participação relativa do país no comércio mundial de determinado produto. Denominando s_{ij} à participação das exportações do produto i pelo país j (X_{ij}) nas importações mundiais do produto i (M_i). Se $\Delta s_{ij} \geq 0$, o país tornou-se mais competitivo, isto é, apresentou alta eficiência no mercado de i . Se $\Delta s_{ij} < 0$ o país j teve baixa eficiência nesse mercado (CARVALHO, 2002).

A eficiência de um país no mercado internacional enquanto exportador é determinada pelo dinamismo relativo dos produtos que exporta, sendo considerado eficiente se exportar produtos com bom posicionamento. As combinações de posicionamento dos produtos e eficiência do país levam a quatro possibilidades de inserção do país no mercado mundial (Figura 2).

Figura 2. Inserção de um país no comércio internacional de determinado produto

		Posicionamento relativo do produto	
		Desfavorável	Favorável
Eficiência relativa do país	Baixa	SITUAÇÃO DE RETROCESSO	SITUAÇÃO DE OPORTUNIDADES PERDIDAS
	Alta	SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE	SITUAÇÃO ÓTIMA

Fonte: FAJNZYLBER (1991).

¹ Para outros trabalhos que utilizam o mesmo método, consultar CARVALHO, 2002; SILVA; CARVALHO, 2005; DUSSEL, 2001.

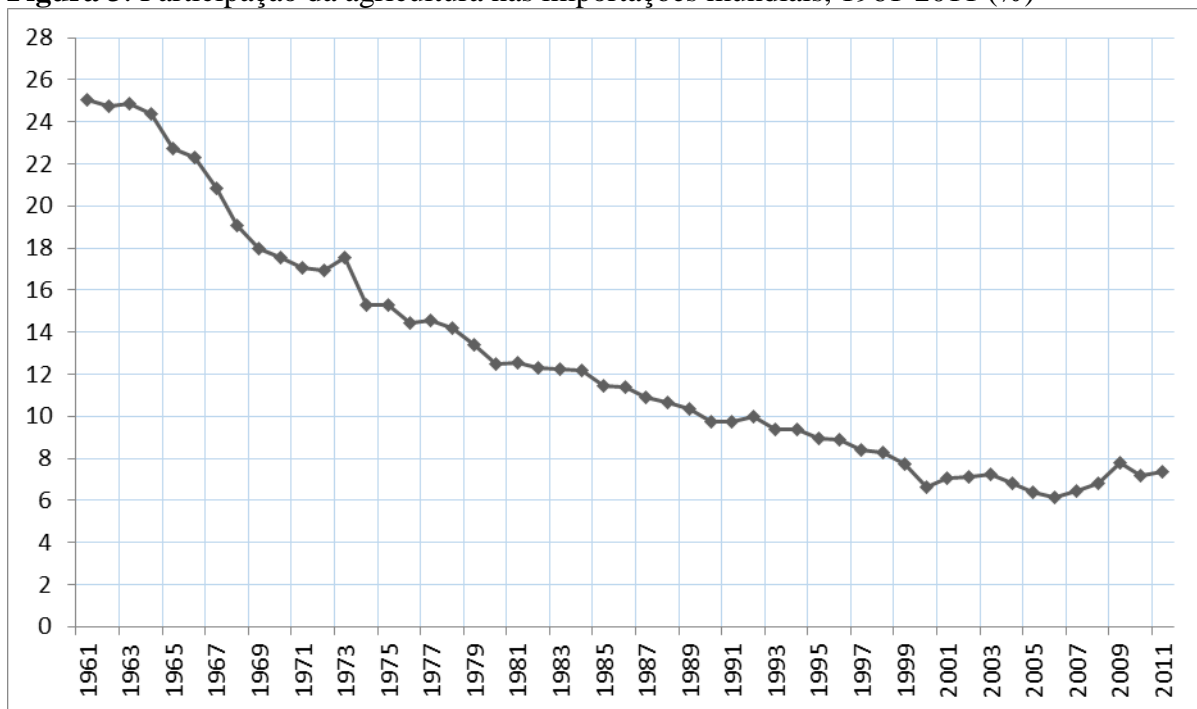


- $\Delta s_i < 0$ e $\Delta s_{ij} > 0$, situação de vulnerabilidade. O produto diminui sua participação nas importações mundiais, enquanto aumenta a participação do país no seu comércio.
- $\Delta s_i < 0$ e $\Delta s_{ij} < 0$, situação de retrocesso. O produto diminui sua participação nas importações mundiais, enquanto diminui a participação do país no seu comércio.
- $\Delta s_i > 0$ e $\Delta s_{ij} < 0$, situação de oportunidades perdidas. O produto aumenta sua participação nas importações mundiais, enquanto diminui a participação do país no seu comércio.
- $\Delta s_i > 0$ e $\Delta s_{ij} > 0$, situação ótima. O produto aumenta sua participação nas importações mundiais, enquanto aumenta a participação do país no seu comércio.

4. Análise dos resultados

A análise dos dados referentes ao comércio mundial de produtos do agronegócio permite observar inicialmente que a agricultura, que vinha perdendo importância nas importações mundiais, interrompeu esta trajetória a partir de 1999 (Figura 3).

Figura 3: Participação da agricultura nas importações mundiais, 1961-2011 (%)



Fonte: FAOSTAT database (2011).

A análise do desempenho na última década indica que a agricultura brasileira no agregado está em situação ótima pela classificação de Fajnzylber (1991) uma vez que o setor registrou expansão no comércio mundial e as exportações do país tiveram aumento de participação nesse comércio. Isto pode ser constatado por meio da comparação da participação das exportações brasileiras nas importações mundiais, que passaram de 3,23% na média em 1999-2001 para uma participação de 5,66% na média em 2009-2011. Como a

agricultura também aumentou sua participação nas importações mundiais, passando de 7,10% para 7,41% entre esses triênios, pode-se afirmar que o país aumentou sua eficiência em um mercado em expansão (Tabela 2).

Tabela 2. Valor das importações mundiais e exportações do Brasil, 2009-11

	Item	Unid.	1979-1981	1989-1991	1999-2001	2009-2011	Taxa (%) ¹
Mundo	Importação total	US\$ milhão	1.907.799,9	3.463.082,3	6.193.629,3	15.491.893,3	9,60
	Importação agrícola	US\$ milhão	244.034,3	343.947,5	439.547,1	1.147.352,2	10,07
	Importação agrícola/total	%	12,79	9,93	7,10	7,41	
Brasil	Exportação total	US\$ milhão	19.556,6	32.472,3	53.773,0	203.649,9	14,24
	Exportação agrícola	US\$ milhão	8.665,1	8.750,4	14.215,3	64.894,6	16,40
	Exportação agrícola/total	%	44,31	26,95	26,44	31,87	
	<i>Market-share</i> da agricultura	%	3,22	2,54	3,23	5,66	

¹ Taxa anual de crescimento entre os triênios 1999-2001 e 2009-2011.

Fonte: FAOSTAT database (2011).

Na análise quanto ao posicionamento dos produtos agrícolas no mercado internacional utilizou-se como referência a taxa média anual de crescimento das importações totais mundiais, que foi de 9,60% entre os triênios 1999-2001 e 2009-2011 (Tabela 2). Dessa forma, produtos que tiveram taxa média anual de crescimento das exportações superiores a este percentual foram classificados como produtos em expansão, produtos com taxa de crescimento menor do que 9,60% foram classificados como produtos em declínio. Logo a agricultura brasileira no agregado registrou posicionamento muito bom, pois registrou taxa de crescimento das exportações de 16,40% a.a., percentual 70% acima do crescimento do comércio mundial.

Dos 401 produtos listados pela FAO e utilizados para este trabalho, 168 apresentaram taxas de crescimento anual maiores do que 9,60% e foram classificados como produtos em expansão, sendo responsáveis pelo aumento da participação da agricultura no comércio mundial total. Este grupo de produtos passou de uma representação conjunta de 47,26% sobre o valor total de produtos da agricultura comercializados em 1999-2001 para 57,89% em 2009-2011 (Tabela 3).

Tabela 3. Participação nas Importações Agrícolas Mundiais, Produtos em Expansão, 2009-2011¹

Produto	<i>Market-share</i>		Taxa
	1999-2001	2009-2011	(% a.a.)
1 Alimentos preparados	3,48	3,92	11,37
2 Soja	2,38	3,81	15,41
3 Trigo	3,74	3,62	9,73
4 Óleo, palma	1,25	2,82	19,36
5 Milho	2,30	2,48	10,90
6 Torta, soja	1,77	2,21	12,50
7 Borracha natural seca	0,81	1,86	19,67
8 Arroz - total	1,78	1,83	10,39
9 Pastelaria	1,57	1,77	11,39
10 Produtos de chocolate nes	1,57	1,71	11,03
11 Carne, frango	1,45	1,64	11,45
12 Açúcar bruto	1,26	1,47	11,77
13 Carne, porco	1,34	1,36	10,22
14 Açúcar refinado	1,10	1,21	11,11
15 Bebidas, não alcoólico	0,83	1,17	13,96
16 Óleo, soja	0,80	0,88	11,09
17 Cacau	0,63	0,85	13,46
18 Colza	0,51	0,81	15,36
19 Tomates	0,69	0,70	10,19
20 Óleo de girassol	0,42	0,63	14,70
21 Uvas	0,65	0,62	9,68
22 Carne, frango, enlatados	0,41	0,59	14,23
23 Café torrado	0,30	0,54	16,81
24 Óleo, de colza	0,28	0,52	17,20
25 Café, extractos	0,42	0,49	11,71
26 Cereais, café da manhã	0,40	0,45	11,34
27 Alimentos para crianças	0,29	0,43	14,57
28 Farinha de trigo	0,39	0,43	10,98
29 Preparações alimentícias, farinha, extrato de malte	0,39	0,39	10,16
30 Pimentões e pimentas, verde	0,38	0,37	9,70
Outros	13,69	16,32	12,36
168 Produtos em expansão	47,26	57,89	12,43

¹ Produto em expansão apresenta taxa de crescimento maior que o comércio mundial total (9,60%) entre o período 1999-2001 e 2009-2011.

Fonte: FAOSTAT database (2011).

Destaca-se entre os produtos em expansão a soja em grão, que é um dos principais produtos da pauta de exportações brasileira, sendo que em 2009-2011 este produto representou 3,81% do valor das importações agrícolas mundiais, resultado de uma taxa anual de crescimento de 15,41%. Neste mesmo segmento, a torta de soja apresentou uma taxa anual de crescimento de 12,50%, resultando em uma participação de 2,21% no valor das importações mundiais (Tabela 3). Apesar disto, o Brasil diminuiu sua participação nas importações mundiais deste produto, de 22,32% no triênio 1999-2001, para uma participação de 19,77% em 2009-2011, aumentando a concentração na soja em grão, produto com menor valor agregado (Tabela 7).

De acordo com Hirakuri e Lazzarotto (2014), dentre os principais motivos do aumento na demanda e produção por soja no mundo, citam-se: o desenvolvimento e estruturação de um sólido mercado internacional; a consolidação da soja como importante fonte de proteína vegetal; a demanda crescente dos setores ligados à produção de produtos de origem animal; e a geração de oferta de tecnologias, que viabiliza a expansão da produção.

Com relação aos produtos em declínio, dos 401 produtos listados pela FAO, 233 receberam tal classificação. A participação conjunta destes produtos no comércio agrícola mundial baixou de 52,74% no triênio 1999-2001 para 42,11% em 2009-2001 (Tabela 4).

Tabela 4. Participação nas Importações Agrícolas Mundiais, Produtos em Declínio, 2009-2011¹

Produto	<i>Market-share</i>		Taxa
	1999-2001	2009-2011	(% a.a.)
1 Materiais brutos	4,27	3,40	7,59
2 Vinho	3,04	2,54	8,08
3 Bebidas, alcoólicas destiladas	2,46	2,12	8,48
4 Carne, gado, desossada	2,34	2,06	8,67
5 Queijo, leite de vaca integral	2,02	1,94	9,58
6 Cigarros	2,82	1,93	6,00
7 Café, verde	1,95	1,79	9,15
8 Algodão em pluma	1,69	1,36	7,69
9 Bananas	1,40	1,06	7,03
10 Tabaco, bruto	1,70	1,06	4,95
11 Frutas, nes preparados	1,05	0,98	9,33
12 Cerveja de cevada	1,16	0,96	8,00
13 Carne, porco	1,01	0,90	8,86
14 <i>Pet food</i>	0,82	0,78	9,46
15 Produtos de confeitaria	0,89	0,73	7,87
16 Leite, em pó integral	0,74	0,70	9,43
17 Resíduos de alimentos	0,72	0,66	9,06
18 Carne, gado	0,77	0,62	7,71
19 Maçãs	0,62	0,57	9,10
20 Leite, desnatado seco	0,73	0,53	6,57
21 Cevada	0,61	0,52	8,33
22 Manteiga, leite de vaca	0,63	0,51	7,82
23 Chá	0,66	0,50	7,13
24 Legumes, nes preservados	0,62	0,50	7,85
25 Óleo, azeitona, virgem	0,54	0,48	8,72
26 Batatas, congelado	0,49	0,45	9,15
27 Carne, ovelhas	0,50	0,45	8,91
28 Vegetais congelados	0,51	0,42	8,12
29 Laranjas	0,49	0,41	7,96
30 Leite, vaca fresco	0,41	0,36	8,57
Outros	15,04	10,79	6,65
233 Produtos em declínio	52,74	42,11	7,70

¹ Produto em declínio apresenta taxa de crescimento menor que o comércio mundial total (9,60%) entre o período entre o período 1999-2001 e 2009-2011.

Fonte: FAOSTAT database (2011).

Passando-se para a análise do desempenho do Brasil no mercado internacional de produtos agrícolas, verifica-se inicialmente que o País tem uma pauta de exportações dependente de poucos produtos, corroborando o que foi revisitado na literatura especializada. Na média do triênio 2009-2011, mais de 50% do valor das exportações agrícolas foram oriundos de apenas 4 produtos: soja; açúcar; carne de frango; e café verde. Para o mesmo período, 24 produtos correspondem com pouco mais de 93% do valor das exportações agrícolas brasileiras (Tabela 5).

Esta análise inicial poderia sugerir a hipótese de que poucas mudanças no que diz respeito ao desempenho brasileiro no comércio internacional de produtos agrícolas tenham ocorridas em relação ao cenário do final da década de 90. Para o triênio 1997-1999, 4 produtos também concentravam mais de 50% do valor exportado, e os 20 primeiros colocados na pauta de exportações correspondiam a 93% do valor exportado (CARVALHO, 2002). Porém, algumas mudanças podem ser percebidas, se não em relação à pauta de exportações, mas principalmente quanto ao posicionamento no comércio internacional.

Os 4 primeiros colocados na pauta de exportações para o triênio 1997-2009 foram, nesta ordem: café verde; soja em grão; torta de soja; e suco de laranja concentrado. Para 2009-2011, os 4 primeiros foram: soja em grão, açúcar demerara, carne de frango e café verde.

Pelo enfoque de Fajnzylber (1991), o país está em situação ótima quando aumenta a participação em um mercado em expansão. É a situação na qual se enquadra o agronegócio do Brasil ao ser avaliado de forma agregada, pois o País aumentou sua participação nas importações agrícolas mundiais, de 3,23% em 1999-2001 para 5,66% em 2009-2011. No mesmo período, o comércio agrícola mundial também aumentou de 7,10% para 7,41% do total comercializado. Também para este período, as importações agrícolas aumentaram no mundo a uma taxa de 10,07% a.a., enquanto o Brasil aumentou suas exportações a uma taxa anual de 16,40%, o que classifica a agricultura nacional em uma situação ótima (Tabela 2).

Em uma análise mais detalhada do desempenho dos produtos brasileiros no mercado internacional, é verificado que alguns produtos têm um papel primordial para a elevada inserção no comércio agrícola mundial. Pode-se citar a soja em grão, que aumentou o *Market-share* do Brasil nas importações mundiais deste produto de 20,77% para 29,55%, o açúcar bruto com uma evolução de 19,94% para 52,86%, e a carne de frango passando de 15,59% para 31,34% do mercado. Todos estes produtos foram classificados como situação ótima, pelo método de Fajnzylber (1991).

Cabe destacar que os produtos estão organizados de acordo com sua importância na participação das exportações brasileiras no triênio 2009-2011. Ao todo, 71 produtos estão em situação ótima, ou seja, são produtos que o Brasil registrou aumento do *Market-share* e que estão em expansão no comércio mundial. Importante frisar que o agregado de produtos em situação ótima registrou participação nas exportações do País de 59,89% do total (Tabela 6).

Tabela 5. Importações Agrícolas Mundiais e *Market-share* do Brasil, Média 2009-2011

Produto	Mundo			Brasil			<i>Market-share</i> (%)
	Valor (US\$ 1.000)	Part. (%)		Valor (US\$ 1.000)	Part. (%)		
		Simples	Acum.		Simples	Acum.	
1 Soja	43.765.533	3,81	3,81	12.931.533	19,93	19,93	29,55
2 Açúcar bruto	16.920.467	1,47	5,29	8.944.747	13,78	33,71	52,86
3 Carne, frango	18.792.433	1,64	6,93	5.890.080	9,08	42,79	31,34
4 Café, verde	20.544.467	1,79	8,72	5.648.010	8,70	51,49	27,49
5 Torta, soja	25.307.333	2,21	10,92	5.003.293	7,71	59,20	19,77
6 Carne, gado, desoss.	23.657.000	2,06	12,99	3.675.527	5,66	64,86	15,54
7 Açúcar refinado	13.888.633	1,21	14,20	3.082.223	4,75	69,61	22,19
8 Tabaco, bruto	12.125.133	1,06	15,25	2.859.033	4,41	74,02	23,58
9 Milho	28.487.733	2,48	17,74	2.077.820	3,20	77,22	7,29
10 Óleo, soja	10.067.390	0,88	18,61	1.570.287	2,42	79,64	15,60
11 Suco, laranja	3.977.647	0,35	18,96	1.163.589	1,79	81,43	29,25
12 Carne, porco	15.563.367	1,36	20,32	1.081.934	1,67	83,10	6,95
13 Algodão em pluma	15.605.300	1,36	21,68	1.032.061	1,59	84,69	6,61
14 Carne, frango, enl.	6.772.843	0,59	22,27	774.423	1,19	85,88	11,43
15 Suco, laranja, conc.	1.512.869	0,13	22,40	759.772	1,17	87,06	50,22
16 Materiais brutos	39.023.800	3,40	25,80	645.923	1,00	88,05	1,66
17 Carne, preparações	1.925.417	0,17	25,97	587.426	0,91	88,96	30,51
18 Café, extractos	5.593.250	0,49	26,45	584.646	0,90	89,86	10,45
19 Carne, nes secas	945.556	0,08	26,54	563.956	0,87	90,73	59,64
20 Alimentos preparados	44.931.533	3,92	30,45	475.261	0,73	91,46	1,06
21 Arroz - total	20.975.633	1,83	32,28	345.968	0,53	91,99	1,65
22 Trigo	41.573.233	3,62	35,90	329.666	0,51	92,50	0,79
23 Castanha de caju	2.177.480	0,19	36,09	229.301	0,35	92,85	10,53
24 Miudezas, gado	2.405.677	0,21	36,30	218.865	0,34	93,19	9,10
25 Óleo, nes essenciais	3.030.257	0,26	36,57	185.041	0,29	93,48	6,11
26 Produtos de confeitaria	8.367.487	0,73	37,30	181.888	0,28	93,76	2,17
27 Carnes, emb. porco	3.562.307	0,31	37,61	150.230	0,23	93,99	4,22
28 Carne, peru	2.325.000	0,20	37,81	150.165	0,23	94,22	6,46
29 Manteiga de cacau	3.901.677	0,34	38,15	132.955	0,20	94,42	3,41
30 Pimenta	1.247.630	0,11	38,26	132.625	0,20	94,63	10,63
Outros	708.378.078	61,74	100,00	3.486.384	5,37	100,00	0,49
Total agrícola	1.147.352.163	100,00		64.894.634	100,00		5,66
Total Geral	15.491.893.269			203.649.877			1,31

Fonte: FAOSTAT database (2011).

Tabela 6. Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação Ótima, 1999-2011, (%)

Produto	Part. do produto nas importações mundiais (%)		Market Share do Brasil importações mundiais (%)		Part. nas exportações do Brasil (%)	
	1999-2001	2009-2011	1999-2001	2009-2011	2009-11	Taxa
1 Soja	0,17	0,28	20,77	29,55	19,93	19,55
2 Açúcar bruto	0,09	0,11	19,94	52,86	13,78	23,22
3 Carne, frango	0,10	0,12	15,59	31,34	9,08	19,51
4 Açúcar refinado	0,08	0,09	14,21	22,19	4,75	16,18
5 Milho	0,16	0,18	1,69	7,29	3,20	28,35
6 Óleo, soja	0,06	0,06	14,72	15,60	2,42	11,74
7 Carne, porco	0,09	0,10	2,73	6,95	1,67	21,00
8 Carne, frango, enlatados	0,03	0,04	1,62	11,43	1,19	38,85
9 Carne, nes secas	0,01	0,01	0,05	59,64	0,87	123,05
10 Arroz - total	0,13	0,14	0,11	1,65	0,53	44,70
11 Trigo	0,27	0,27	0,00	0,79	0,51	105,68
12 Carnes, embutidos de porco	0,02	0,02	1,03	4,22	0,23	29,10
13 Uvas	0,05	0,05	0,53	1,78	0,20	23,94
14 Suco de frutas, nes	0,02	0,02	0,87	2,39	0,13	22,86
15 Miudezas, porcos	0,01	0,02	0,82	2,53	0,11	31,92
16 Mel, natural	0,01	0,01	0,24	4,28	0,10	50,29
17 Ovos de galinha, com casca	0,02	0,02	0,82	2,09	0,10	23,51
18 Ácidos graxos	0,02	0,03	0,72	1,02	0,07	16,01
19 Farinha de milho	0,00	0,01	0,65	4,37	0,06	34,08
20 Carne, porco, preparações	0,02	0,02	1,02	1,03	0,05	10,80
21 Alimentos para crianças	0,02	0,03	0,13	0,66	0,05	35,06
22 Bolachas	0,00	0,00	0,00	4,31	0,05	0,00
23 Borracha natural seca	0,06	0,14	0,00	0,13	0,04	66,54
24 Café torrado	0,02	0,04	0,25	0,41	0,04	22,74
25 Prep. Alim., farinha, extr. malte	0,03	0,03	0,19	0,43	0,03	19,17
26 Suco, citrus, concentrado	0,00	0,00	0,00	4,76	0,03	0,00
27 Óleo, cozidos etc	0,01	0,01	0,55	0,97	0,03	24,64
28 Feijão, seco	0,02	0,02	0,15	0,50	0,02	25,49
29 Creme de leite fresco	0,01	0,01	0,09	0,65	0,02	33,80
30 Macarrão	0,02	0,02	0,06	0,25	0,01	26,46
Outros	0,31	0,41	0,05	0,11	0,59	22,56
Ótima	1,84	2,33	5,45	11,09	59,89	20,56

Fonte: FAOSTAT database (2011).

Os principais produtos em situação de oportunidades perdidas podem ser visualizados na Tabela 7. Ao todo são 61 produtos que tiveram aumento nas importações mundiais no período analisado, porém diminuíram o *Market-share* do Brasil nas importações mundiais. Este grupo representou 10,97% das exportações agrícolas brasileiras. Destarte, este grupo de produtos pode indicar um caminho de oportunidades para que o País possa maximizar seu posicionamento no comércio mundial.

Tabela 7. Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação de Oportunidade Perdida, 1999-2011, (%)

Produto	Part. do produto nas importações mundiais (%)		Market Share do Brasil importações mundiais (%)		Part. nas exportações do Brasil (%)	
	1999-2001	2009-2011	1999-2001	2009-2011	2009-2011	Taxa
1 Torta, soja	0,13	0,16	22,32	19,77	7,71	11,14
2 Café, extractos	0,03	0,04	11,85	10,45	0,90	10,31
3 Alimentos preparados	0,25	0,29	1,73	1,06	0,73	6,05
4 Castanha de caju	0,01	0,01	17,12	10,53	0,35	5,07
5 Manteiga de cacau	0,02	0,03	4,47	3,41	0,20	8,19
6 Produtos de chocolate nes	0,11	0,13	0,93	0,62	0,19	6,62
7 Cacau em pó, bolo	0,01	0,02	3,67	3,21	0,15	16,44
8 Ceras vegetais	0,00	0,00	53,91	50,93	0,14	9,32
9 Pastelaria	0,11	0,13	0,50	0,32	0,10	6,63
10 Produtos de tabaco nes	0,02	0,02	1,41	1,29	0,07	8,84
11 Pasta de cacau	0,01	0,01	3,24	1,79	0,06	10,21
12 Óleo, palma	0,09	0,21	0,15	0,09	0,04	13,27
13 Bebidas, não alcoólico	0,06	0,09	0,64	0,11	0,02	-4,85
14 Cereais, café da manhã	0,03	0,03	0,47	0,27	0,02	5,47
15 Pimentões e pimentas, secos	0,01	0,01	1,88	0,99	0,02	3,40
16 Queijo	0,01	0,01	0,65	0,54	0,02	9,80
17 Açúcar, nes	0,00	0,01	2,59	0,76	0,01	0,57
18 Óleo, mamona	0,00	0,00	3,14	1,08	0,01	0,85
19 Óleo, nes origem vegetal	0,01	0,01	0,64	0,62	0,01	13,59
20 Tomate, pasta	0,02	0,02	0,93	0,27	0,01	-2,49
21 Gengibre	0,00	0,00	3,77	1,20	0,01	0,73
22 Nozes, prep. (exc. Amendoim)	0,01	0,01	0,39	0,28	0,01	8,92
23 Amido, mandioca	0,00	0,01	1,88	0,54	0,01	4,35
24 Gordura de porco	0,00	0,01	2,51	0,54	0,01	1,27
25 Abacaxis	0,01	0,01	0,61	0,19	0,01	0,95
26 Soro de leite, coalhado	0,01	0,01	0,39	0,23	0,01	5,81
27 Castanha do Brasil, em grão	0,00	0,00	14,83	1,57	0,00	-9,57

28	Batata-doce	0,00	0,00	1,20	1,12	0,00	15,28
29	Tang., mandarinas, clement.	0,02	0,03	0,35	0,05	0,00	-9,05
30	Nozes sem casca	0,00	0,01	0,69	0,19	0,00	1,21
	Outros	0,51	0,63	0,10	0,01	0,12	-9,62
	Oportunidade Perdida	1,51	1,95	3,10	2,42	10,97	9,83

Fonte: FAOSTAT database (2011).

No caso dos produtos em situação de vulnerabilidade, o grupo representa 24,33% do total exportado (Tabela 8). Estes representam produtos que tiveram redução nas importações mundiais, mas que aumentaram o *Market-share* do Brasil nas importações mundiais, formados por um grupo de 109 produtos. Para este grupo, análises mais detalhadas são necessárias, uma vez que uma redução na participação do produto nas importações mundiais não significa, necessariamente, que o volume de importações deste produto sofreu redução. O café verde, por exemplo, importante item da pauta de exportações brasileira, teve um aumento, em valores absolutos, de US\$ 8,56 bilhões em média por ano para o triênio 1999-2001, para US\$ 20,54 bilhões em média em 2009-2011. Porém, perdeu participação sobre o total importado, devido ao grande aumento do comércio como um todo.

Com relação aos produtos em situação de retrocesso, a Tabela 9 mostra que este agregado representa apenas 4,80% das exportações brasileiras. Estes são produtos que tiveram redução nas importações mundiais, e que também reduziram o *Market-share* do Brasil nas importações mundiais. Ressaltando que o termo retrocesso é sugerido por Fajnzylber (1991), mas que deve ser interpretado como produtos que estão em retrocesso, não significando que o país está em retrocesso, já que é de se esperar que o país busque eficiência ao diminuir exportações de produtos que estejam sofrendo reduções em suas demandas.

Tabela 8. Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação de Vulnerabilidade, 1999-2011, (%)

Produto	Part. do produto nas importações mundiais (%)		<i>Market Share</i> do Brasil importações mundiais (%)		Part. nas exportações do Brasil (%)	
	1999-2001	2009-2011	1999-2001	2009-2011	2009-2011	Taxa
1 Café, verde	0,14	0,13	19,46	27,49	8,70	12,98
2 Carne, gado	0,17	0,15	5,45	15,54	5,66	20,67
3 Tabaco, bruto	0,12	0,08	11,71	23,58	4,41	12,56
4 Algodão em pluma	0,12	0,10	0,86	6,61	1,59	32,13
5 Materiais brutos	0,30	0,25	0,77	1,66	1,00	16,10
6 Miudezas, gado	0,02	0,02	1,69	9,10	0,34	24,61
7 Óleo, nes essenciais	0,02	0,02	3,15	6,11	0,29	16,05
8 Pimenta	0,01	0,01	8,19	10,63	0,20	6,28
9 Carne, porco	0,07	0,07	1,08	1,22	0,19	10,20
10 Melões, outros	0,01	0,01	3,66	7,93	0,19	14,88
11 Mangas, goiabas	0,01	0,01	7,73	10,17	0,18	11,70
12 Resíduos de alimentos	0,05	0,05	0,40	1,44	0,17	23,90
13 Frutas, polpa de frutas	0,00	0,00	27,84	43,49	0,15	6,10
14 Amendoins, com casca	0,01	0,01	0,15	3,07	0,09	47,14
15 Limões e limas	0,01	0,01	0,61	2,57	0,08	26,52
16 Mate	0,00	0,00	38,54	49,93	0,08	6,02
17 Leite, condensado	0,01	0,00	1,25	6,65	0,08	28,23
18 Margarina, curta	0,01	0,01	0,40	2,19	0,07	29,14
19 Bananas	0,10	0,08	0,22	0,34	0,06	11,69
20 Mamões	0,00	0,00	11,65	14,48	0,05	7,91
21 Óleo, amendoim	0,00	0,00	0,59	10,09	0,05	39,28
22 Bebidas, destiladas	0,17	0,16	0,13	0,14	0,05	9,95
23 Óleo, milho	0,01	0,01	0,18	3,18	0,05	41,01
24 Ovos, outra ave, c. casca	0,00	0,00	0,09	20,02	0,05	83,83
25 Leite, em pó integral	0,05	0,05	0,02	0,31	0,04	44,83
26 Lã	0,03	0,02	0,24	0,70	0,03	17,23
27 Refeição, carne	0,01	0,01	0,11	1,73	0,03	42,67
28 Cravinho	0,00	0,00	3,46	5,06	0,03	12,63
29 Melancias	0,01	0,01	0,46	1,32	0,02	21,66
30 Semente de algodão	0,00	0,00	0,27	4,32	0,02	36,79
Outros	0,79	0,67	0,04	0,11	0,37	18,86
Vulnerabilidade	2,29	1,94	2,78	5,40	24,33	15,35

Fonte: FAOSTAT database (2011).

Tabela 9. Exportações Agrícolas Brasileiras, Produtos em Situação de Retrocesso, 1999-2011, (%)

Produto	Part. do produto nas importações mundiais (%)		Market Share do Brasil importações mundiais (%)		Part. nas exportações do Brasil (%)		Taxa
	1999-2001	2009-2011	1999-2001	2009-2011	2009-2011		
1 Suco, laranja, conc.	0,05	0,04	35,35	35,03	2,96	6,35	
2 Carne, preparações	0,01	0,01	30,80	30,51	0,91	7,92	
3 Produtos de confeitaria	0,06	0,05	2,47	2,17	0,28	6,49	
4 Carne, peru	0,02	0,02	6,76	6,46	0,23	7,29	
5 Frutas, nes preparados	0,07	0,07	0,62	0,44	0,08	5,60	
6 Maçãs	0,04	0,04	0,97	0,76	0,08	6,45	
7 Cerveja de cevada	0,08	0,07	0,37	0,35	0,06	7,33	
8 <i>Pet food</i>	0,06	0,06	0,28	0,25	0,03	8,27	
9 Laranjas	0,04	0,03	0,98	0,31	0,02	-3,68	
10 Carne, cavalo	0,01	0,00	5,85	2,37	0,02	-5,07	
11 Suco, uva	0,01	0,01	3,59	1,42	0,02	-1,25	
12 Chá	0,05	0,04	0,21	0,14	0,01	2,61	
13 Vinho	0,22	0,19	0,03	0,02	0,01	6,82	
14 Cigarros	0,20	0,14	0,16	0,03	0,01	-10,30	
15 Cera de abelha	0,00	0,00	20,93	5,91	0,01	-4,91	
16 Óleo de sem. algodão	0,00	0,00	11,38	2,41	0,00	-13,12	
17 Peles, gado, salg. húmido	0,05	0,02	0,08	0,08	0,00	1,39	
18 Sebo	0,01	0,01	0,23	0,13	0,00	2,16	
19 Bacon e presunto	0,02	0,02	0,10	0,03	0,00	-3,96	
20 Vermutes e semelhante	0,00	0,00	0,19	0,12	0,00	3,10	
21 Suco, abacaxi	0,00	0,00	1,15	0,24	0,00	-13,06	
22 Casulos, resíduos	0,00	0,00	1,60	1,30	0,00	-5,88	
23 Legumes, desidratados	0,01	0,01	0,05	0,04	0,00	5,64	
24 Vegetais em conserva	0,01	0,01	0,06	0,04	0,00	3,90	
25 Suco, limão, concentrado	0,00	0,00	22,79	1,54	0,00	-21,29	
26 Tomates, descascados	0,01	0,01	0,05	0,03	0,00	3,63	
27 Cogumelos conservados	0,01	0,01	0,19	0,04	0,00	-11,99	
28 Algodão cardado	0,00	0,00	0,22	0,14	0,00	2,90	
29 Abacaxi enlatado	0,01	0,01	0,20	0,02	0,00	-15,49	
30 Cenouras e nabos	0,01	0,01	0,06	0,02	0,00	-1,76	
Outros	0,39	0,30	0,04	0,00	0,05	-20,23	
Retrocesso	1,46	1,18	1,97	1,74	4,80	6,12	

Fonte: FAOSTAT database (2011).

De uma maneira geral, observa-se pelos dados apresentados que o fato mais importante no que diz respeito à inserção do Brasil no comércio internacional é o predomínio de produtos em situação ótima, apesar de continuar a depender de uma pauta concentrada de exportações. Verifica-se, então, que o Brasil vem aproveitando as oportunidades oferecidas pelo comércio mundial na última década, pois passou de uma situação de vulnerabilidade no final de década de 90 (CARVALHO, 2002), para uma situação ótima no triênio 2009-2011.

Considerações finais

As exportações do agronegócio brasileiro vêm demonstrando significativo vigor nos últimos anos, fortalecendo o País inclusive contra um perigoso déficit na balança comercial.

Este trabalho teve como objetivo analisar a inserção do agronegócio brasileiro no comércio internacional, analisando o desempenho das exportações deste setor no período compreendido entre os triênios 1999-2001 e 2009-2011, comparando os resultados obtidos em período anterior. Como metodologia de análise, foi utilizado o enfoque sugerido por Fajnzylber (1991), que classifica a situação do país, como também de seus produtos, em situação ótima, de vulnerabilidade, oportunidades perdidas e retrocesso.

Considerando o agregado dos produtos exportados do agronegócio, pode-se afirmar que o Brasil se encontra em situação ótima, pois aumentou sua participação nas importações mundiais de produtos agrícolas, passando de 3,23% na média do triênio 1999-2001 para 5,66% em 2009-2011. Considerando-se que o comércio de produtos agrícolas também sofreu aumento no período, passando de uma participação em relação ao comércio total de 7,10% para 7,41%, caracterizando-se dessa forma a classificação situação ótima.

Em uma análise detalhada dos produtos agrícolas exportados, a situação também é positiva, pois 59,89% do valor exportado pelo País no triênio 2009-2011 é formado por um grupo de produtos que está em situação ótima, ou seja, que tiveram aumento nas importações mundiais e que aumentaram a participação do País nas importações mundiais deste produto.

Este resultado contrasta-se com o resultado encontrado por Carvalho (2002), que por meio da mesma metodologia, mas para um período compreendido entre o triênio 1988-1990 e o triênio 1997-1999, concluiu que a situação do país era de vulnerabilidade, se considerados os produtos de forma agregada, e ainda que 63,72% dos produtos, em termos de valor, também se encontravam em situação de vulnerabilidade.

No período analisado neste trabalho houve um cenário favorável à produtividade agrícola brasileira. A Produtividade Total dos Fatores apresentou trajetória crescente, demonstrando um contínuo desenvolvimento da agricultura. Isso permitiu que o Brasil se tornasse competitivo no mercado internacional, mesmo enfrentando sérios problemas com a logística no território nacional (GASQUES *et al.*).

No período analisado também houve um aumento da demanda por alimentos no cenário mundial. Esse aumento é explicado pelo crescimento populacional e pelo aumento da renda dos consumidores. Dessa forma, o incremento populacional e o crescimento econômico dos países resultaram no aumento da demanda de alimentos que o Brasil passou a produzir de forma competitiva, entre estes, os que consomem mais recursos para serem produzidos, como por exemplo, as carnes.

Os trabalhos de pesquisa e de uso intensivo de novas tecnologias também foram de grande importância para a consolidação de novas práticas na agricultura brasileira, contribuindo para o aumento da produtividade e a qualidade dos produtos. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) é uma das instituições que contribuiu de forma significativa para que isso ocorresse. Conforme Alves (2010), a Embrapa trabalha sob a visão de uma agricultura baseada na ciência e tecnologia, sendo que seus esforços são focados para obter resultados úteis e que contribuam para ampliar a competitividade do setor.

Como cita Jank *et al.* (2005) a ascensão do agronegócio teve seu momento de inflexão a partir da desvalorização do real em 1999 com uma onda de crescimento no setor e um salto na produção de grãos, sendo que além do consumo interno, a União Europeia, a China e outros países asiáticos entraram no mercado comprando grandes volumes de alimentos.

Em síntese, o aumento da produtividade, o uso de novas tecnologias e a o aumento da demanda internacional por produtos agrícolas, aliados à uma gestão eficiente do agronegócio brasileiro, inclusive com a utilização de programas de gestão da qualidade e com processos administrativos profissionalizados, oportunizou que o Brasil abandonasse a situação de vulnerabilidade apresentada na década de 1990.

Uma constatação convergente com os resultados encontrados por Carvalho (2002) é que a pauta de exportações brasileiras se encontra bastante concentrada em poucos produtos, com 4 produtos sendo responsáveis por mais de 50% do valor das exportações, tanto para o triênio 1997-1999, como para o triênio final considerado neste trabalho, 2009-2011.

Para estudos futuros sugere-se a análise mais detalhada dos fatores que podem melhorar a inserção de outros produtos brasileiros nas importações mundiais, aumentando a gama de produtos com maior peso na pauta de exportações, bem como uma análise dos produtos classificados em situação de oportunidades perdidas.

Referências

AGROSTAT: Estatísticas de Comercio Exterior do Agronegócio Brasileiro. Disponível em: <<http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>>. Acesso em: 01 out. 2014.

ALVES, E. Embrapa: a successful case of institutional innovation. **Revista de Política Agrícola**. Brasília, DF, year XIX, p. 64-72, July 2010.

BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Atlas. 2012, 226 p.

BUAINAIN, A. M.; ALVES, E.; SILVEIRA, J. M.; NAVARRO, Z. **O mundo rural no Brasil do século 21**. A formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília: Embrapa/Instituto de Economia da Unicamp. 2014. 1182 p.

CARVALHO, M. A. de. Comércio agrícola e vulnerabilidade externa brasileira. **Agricultura em São Paulo** (Cessou em 2006. Cont. ISSN 1981-4771 Revista de Economia Agrícola). São Paulo, v. 49, n. 2, p. 55-69, 2002.

CARVALHO, M. A. de; SILVA, C. R. L. da. Vulnerabilidade do comércio agrícola brasileiro. **Revista de Economia e Sociologia Rural** [online]. v. 43, n. 1, p. 9-28, 2005.

CONCEIÇÃO, J. C. P.; CONCEIÇÃO, P. H. Z. da Agricultura: evolução e importância para a balança comercial brasileira. **Texto para discussão**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2014. 36p

CONTINI, E. Exportações na dinâmica do agronegócio. In: BUAINAIN, A. M. *et al.* **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Brasília: Embrapa, p. 147-173, 2014.

DUSSEL, E. *análisis de la competitividad de las exportaciones de prendas de vestir de Centroamérica utilizando los programas y la metodología CAN y MAGIC*. **CEPAL – Serie Estudios y perspectivas**. México, D.F., jul. 2001.

BARROS, G. S. A. C. Agricultura e indústria no desenvolvimento brasileiro. In: BUAINAIN, A. M. *et al.* **O mundo rural no Brasil do século 21. A formação de um novo padrão agrário e agrícola**. Embrapa/Instituto de Economia da Unicamp, p. 79-116, 2014.

FAJNZYLBER, F. *International insertion and institutional renewal*. **CEPAL Review**. Santiago, Chile, n. 44, p.137-166, ago. 1991.

FOOD AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). **The state of food insecurity in the World 2012**. Economic growth is necessary but not sufficient to accelerate reduction of hunger and malnutrition. Rome, FAO. 2012.

FAOSTAT database. Disponível em: <<http://faostat.fao.org>>. Acesso em: 01 out. 2014.

FUGLIE, K. O. *Productivity growth and technology capital in the global agricultural economy*. In: FUGLIE, K.; WANG, S. L.; BALL, V. E. (Ed.). **Productivity growth in agriculture: an international perspective**. Oxfordshire: CAB International, p. 335-392, 2012.

GASQUES, J. G.; VIEIRA FILHO, J. E. R.; NAVARRO, Z. (Org.). **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Brasília: IPEA, 2010, 298 p.

HIRAKURI, M. H.; LAZZAROTTO, J. J. **O agronegócio da soja nos contextos mundial e brasileiro**. Londrina: Embrapa Soja, 2014.

JANK, M. S.; NASSAR, A. M.; TACHINARDI, M. H. Agronegócio e comércio externo brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, n. 64, p. 14-27, dez./fev., 2004-2005.

KICH, T. G. F.; CORONEL, D. A. VIEIRA, K. M. Determinantes da balança comercial do agronegócio brasileiro: análise da influência das variáveis macroeconômicas no período de 1997 a 2009. **Informações Econômicas**. São Paulo, v. 42, n. 4, jul./ago. 2012.

MANDENG, O. J. *Competitividad internacional y especialización*. **Revista de La Cepal**. Santiago, Chile, n. 45, p. 25-42, dec. 1991.

MARTHA JÚNIOR, G. B.; FERREIRA FILHO, J. B. de S. (editors). **Brazilian agricultural development and changes**. Brasília (DF), EMBRAPA, 2012. 160 p.

SILVA, C. L.; CARVALHO, M. A. Vulnerabilidade do comércio agrícola brasileiro. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Brasília, v. 43, n. 01, p. 9-28, 2005.

SCHWANTES, F.; FREITAS, C.A.; ZANCHI, V. V. Determinantes da Balança Comercial do Agronegócio Brasileiro do Período de 1990 a 2007. **Revista Econômica do Nordeste**. Fortaleza, v. 41, n. 2, p. 249-265, abr./jun., 2010.

SMITH, A. **A riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SPOLADOR, H. F. S.; ROE, T. L. The role of agriculture on the recent Brazilian economic growth: how agriculture competes for resources. **The Developing Economies**. v. 51, n. 4, p.333–59, dec. 2013.

SZMRECSÁNYI, T. *Pequena história da agricultura no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1990 102 p.